

A ARTE ENFRENTA A CIDADE

A utopia de integrar arte e espaço urbano está sendo retomada em São Paulo, através de um ambicioso projeto, coordenado por Nelson Brissac e Agnaldo Farias, críticos de arte, em promoção da Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo. O projeto **Arte Cidade** é constituído por três módulos: "A Cidade Sem Janelas", "A Cidade e Seus Fluxos", e "A Cidade e Suas Histórias". Segundo Nelson Brissac, o projeto parte de duas constatações: o esgotamento de espaço público para a arte e a crescente incapacidade de se ver a cidade. A cidade tende a se tonar, cada vez mais, em um terreno inóspito, criando barreira para as relações sociais. A cidade deixa de ser cada vez mais o lugar da arte, o lugar da participação do indivíduo. "O esgarçamento do tecido urbano tende a criar uma cidade artificial, em substituição à **ágora** tradicional, onde a participação de cada um teria expressão na arquitetura e no desenho urbano. Os museus e galerias se encontram no impasse de serem os últimos refúgios da arte. A arte não tem mais lugar na cidade."

São Paulo é uma nebulosa, sem forma ou limite. É cada vez mais difícil para o habitante recortar a cidade para além da poluição visual. "Esta é uma condição irreversível do desenvolvimento urbano moderno - comenta Brissac. Existe uma crescente incapacidade de ver a cidade." Os três módulos do projeto recortam três maneiras diversas de ver a cidade. O primeiro, "A Cidade Sem Janelas", encena a São Paulo do concreto, da concentração, da multidão, do peso dos materiais. Este módulo foi realizado, no início do ano, no espaço de um enorme matadouro desativado: "Era uma casa da morte - observa Brissac. Escolhemos artistas das mais diversificadas vertentes da arte contemporânea, das artes plásticas ao vídeo, que tinham como vocação o embate com a matéria. Todos os trabalhos discutiam o peso, a morte, a matéria rígida, a impossibilidade de voar. Era a cidade como inferno."

O segundo módulo, "A Cidade e Seus Fluxos", a ser realizado no próximo dia 17 de setembro, representa um contraponto ao primeiro módulo. O voo é a questão dominante. As intervenções deste módulo estão voltadas para o céu. Ao invés do material, os artistas trabalham com o imaterial. O recorte proposto são os topos dos prédios em torno do Viaduto do Chá

e Vale do Anhangabaú: "Convidamos os artistas a trabalhar com a leveza, a suspensão, a projeção. Eles assumem o desafio de se confrontar com a desmesura. Como sustentar a arte em um espaço que não tem medida? As intervenções trabalharão com esta questão: a impotência da arte diante da grande cidade".

"A Cidade e Suas Histórias", terceiro módulo, que fecha o projeto, ocorrerá no próximo ano, na Estação de Trem Júlio Prestes: "Nós queremos saber qual a narrativa possível do

as artes plásticas puderam pensar foi a inadequação entre arte e cidade — observa Brissac. Então, tendo em vista o caráter hostil das cidades, esta arte se voltou para os espaços internos".

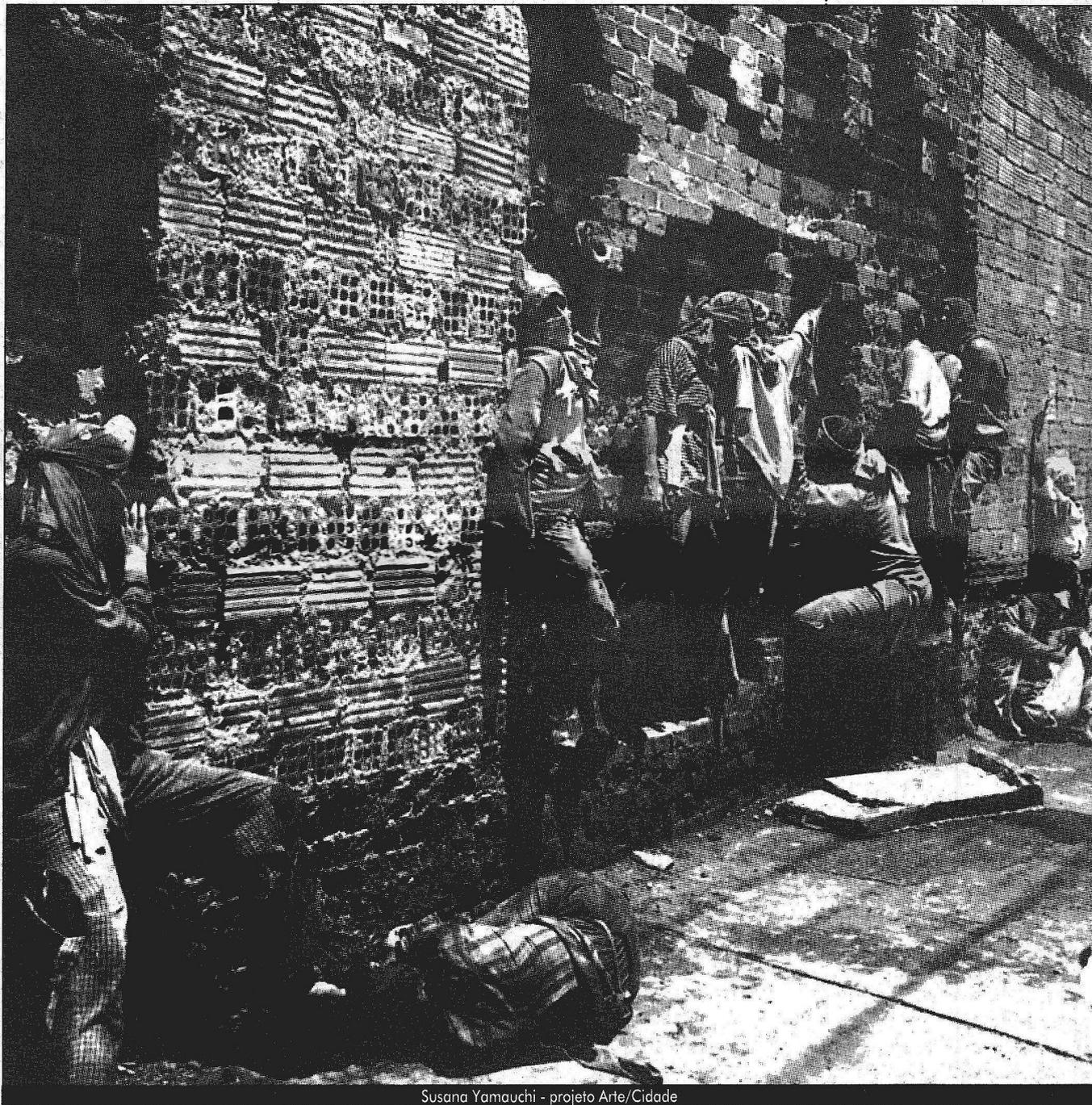
O segundo motivo para o esvaziamento das intervenções da arte no espaço urbano é que as cidades brasileiras se corromperam definitivamente com o acirramento da crise econômica. A própria população não se identifica mais com a cidade em que vive. Ela mesma passou a depreciar os seus monumen-

tos. Se perdeu a noção de lugar público e, portanto, a noção de arte em lugar público: "Qualquer intervenção tem de levar em conta esta extraordinária mutação do espaço urbano brasileiro — afirma Brissac. É um espaço dilacerado em transformação permanente. Então toda intervenção tem de ser um acontecimento, não pode ser uma exposição. Tem de ser pensada para determinado lugar e determinado momento. Elas têm de assumir o seu caráter efêmero, sua fragilidade diante do mundo externo, e não fugir dela".

Para Brissac, pensar a arte contemporânea implica pensar a articulação entre artes plásticas, arquitetura e urbanismo. Não por acaso, nas últimas décadas, a arquitetura passou a ser uma das disciplinas mais importantes na reflexão filosófica sobre a cidade: "A obra de arte passou a ser intervenção no espaço da galeria, da praça, da fachada dos prédios. A pintura se articulou com a escultura, com a arquitetura e com o urbanismo. É uma maneira de ver a arte diferente do modernismo, que isolava os elementos".

Brissac reconhece que qualquer intervenção de arte no espaço da cidade

sempre corre o risco de apenas aumentar o ruído ou a poluição urbana. Não haveria perigo se a intervenção ocorresse em um museu. Mas é preciso correr este risco para se conseguir um momento de silêncio, reflexão e contemplação na cidade: "A nossa relação com a cidade precisa ser renovada e a arte é uma das formas de ver e, portanto, de viver a cidade. No corpo a corpo da arte com o espaço urbano será decidido o próprio futuro que a cidade terá. Desde que as catedrais se acabaram, a arte é a nossa única forma de contato com o céu".



Susana Yamauchi - projeto Arte/Cidade

urbano e que história pode ser projetada através dos materiais que trazem a marca da cidade". Ao contrário do que ocorre hoje em outros centros do mundo, o número de intervenções de arte no espaço urbano diminuiu muito no Brasil, nas últimas duas décadas. Brissac atribuiu duas razões para o fato. Em primeiro lugar, o modernismo teve uma presença muito forte no Brasil. E o modernismo sempre trabalhou com a idéia do objeto artístico isolado no espaço. A imagem desta concepção de integração da arte na cidade seria a da estátua que se sustenta e organiza o espaço: "Por isto, o máximo que